



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**JAQUELINE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA:  
INFLUÊNCIA DA ORIENTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**JAQUELINE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA:  
INFLUÊNCIA DA ORIENTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Verônica Albuquerque Almeida.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**JAQUELINE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA:  
INFLUÊNCIA DA ORIENTAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 05/09/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Verônica Albuquerque Almeida (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreia Cardoso Silveira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érica Kawakami Mattioli**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>PROBLEMÁTICA</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>9</b>
4.1	OBJETIVO GERAL	9
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
<b>5</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>10</b>
5.1	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL	10
<b>5.1.2</b>	<b>Gênero: algumas perspectivas conceituais</b>	<b>11</b>
5.2	CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA	13
<b>5.2.1</b>	<b>Ambiência familiar</b>	<b>13</b>
<b>5.2.2</b>	<b>Ambiência escolar</b>	<b>14</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>16</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia, a vasta quantidade de informações de fácil acesso e a luta para conquistar espaço para debates e reconhecimentos de conteúdos antes desconsiderados ou até evitados pela sociedade, acarretou mudanças significativas em torno de temas como gênero, sexualidade, raça, etnia em ambientes escolares. No que se refere as questões de gênero, os estereótipos e preconceitos ainda se fazem presentes em diferentes contextos da sociedade. Ainda que as reflexões e discussões em torno da questão venham avançando e ampliando o seu espaço nas análises, reflexões e pesquisas educacionais, apesar de não ser na velocidade desejada, uma vez que trata-se de um processo polemico, plural e bastante complexo.

O termo gênero, por sua polissemia, possui muitas definições as quais se apresentam como um fator determinante para entender a construção de gênero na infância. Segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. O conceito de gênero implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados. Compreender como são produzidas, pelas culturas e sociedades, as diferenças nas relações entre homens e mulheres.

No que se refere à educação escolar, esta não está isenta das reproduções de estereótipos e nem todos os profissionais tem conhecimento sobre gênero ou tem a formação para lidar com tal situação. Nesse sentido, ainda percebemos distinções entre meninos e meninas, homens e mulheres, através de ações, atividades, formas de comportamento e regras impostas, baseadas em padrões estabelecidos pela ordem dominante. Louro (1999, p. 34), entende que a escola enquanto “um dos espaços formadores de opiniões e transmissora de conhecimento tem contribuído para a manutenção das relações desiguais entre homens/ mulheres, assim colaborando com uma sociedade segregada e opressora”.

No entanto, cabe a escola, ver a criança com toda a sua singularidade, diferenças, cultura, necessidades e conhecimentos próprios, rompendo com preconceitos e estereótipos e trabalhando na formação de conceitos e atitudes positivas, com as crianças e jovens, considerando a diversidade de valores, crenças, comportamentos e culturas, presentes na prática educativa. O que contribui conseqüentemente, para um processo educacional comprometido com uma educação não discriminadora.

É na escola que acontece o encontro das origens de diferentes sujeitos que partilham suas histórias, constroem novas histórias e desenvolvem novas experiências. E nesse processo de interação, os sujeitos “vão produzindo múltiplos saberes respeitando os gostos, as escolhas, preferências e opiniões de cada um, construindo assim um ambiente que lhes dê credibilidade, segurança e respeito a sua diferença” (BRASIL, PCNs, 1997, p. 38). O papel da escola não se restringe somente a desenvolver atividades pedagógicas educativas, mas de exercer o seu papel social dentro de um espaço particular dela própria, enfrentando o desafio de trabalhar as diferentes culturas da sociedade.

Assim, pensar as questões de gênero desde a infância, pode contribuir para o melhoramento da sociedade, pois “nos leva a questionar os padrões sociais estabelecidos para meninas e meninos em formação” (HEILBORN, 2004, p. 76). Tais padrões sociais, nos conduzem a perceber que a escola nas suas dependências e salas de aula, ainda traz a presença da cor rosa sugerida a meninas, como as carteiras com detalhes rosa e meninos com a cor azul. Além da representação de personagens que na maioria das vezes se configuram nas imagens de garotos com boné e uma bola no pé, enquanto as meninas carregam uma boneca nos braços. Para além desta questão, a postura, a fala e toda forma de se comportar em sala de aula também são controlados pelas educadoras e educadores.

De acordo com Oliveira e Silva (2001, p. 103), o espaço da Educação Infantil “permite as crianças, vivências coletivas que possibilitam interações com diferentes culturas, etnias, religiões, etc. É também nesse ambiente que eles e elas, como seres sociais, recriam, transformam e atribuem significados”. Assim, cabe a esta instituição, utilizar estratégias que valorizem as diferentes e diversas expressões das crianças.

Neste contexto, entendemos que se faz necessário trazer uma reflexão sobre as questões de gênero – tão silenciadas ao longo do tempo, sua construção na infância e a contribuição da orientação escolar nos primeiros anos de escolarização da criança, tomando por base a Educação Infantil.

As questões relativas a abordagem de gênero, ainda não são oficialmente aprovadas no Plano Nacional de Educação (PNE). No entanto o tema deve ser abordado em sala de aula com base legal na Constituição Brasileira (1988), nas Diretrizes Nacionais de Educação e Diversidade entre outros tratados. Não deixando de lado os esforços de grupos conservadores, as temáticas relacionadas a igualdade de gênero podem estar presentes nos planos estaduais e municipais de educação com principal objetivo de aperfeiçoar a qualidade da educação, superar as desigualdades e combater a exclusão nas escolas.

## 2 JUSTIFICATIVA

Falar sobre gênero se tornou na contemporaneidade, uma questão mais comum do que há alguns anos atrás, quando a temática era de forma equivocada, relacionada exclusivamente à sexualidade; e nesse sentido, existia um grande tabu em torno do seu conceito e entendimento. No entanto, até os dias de hoje ainda existem debates e polêmicas em diversos âmbitos sociais em torno desta temática. Quando se trata principalmente da infância, mesmo com todo embasamento, fontes de pesquisas e acesso ao assunto, o tema ainda é tratado com muita restrição e dificuldade, especialmente com o público infantil. Os adultos acreditam que tratar dessa construção na fase inicial pode confundir a cabeça das crianças fazendo com que as mesmas não sigam o que é determinado e esperado por elas desde o seu nascimento, como: forma de sentar, falar, brincar e se comportar.

Estas questões em torno da criança vêm me inquietando a alguns anos e me motivaram a refletir de forma mais aprofundada sobre a temática de gênero na infância. O fato de morar com duas crianças que são filhos dos meus irmãos, um menino de sete anos e uma menina de quatro anos, me fez observar ainda mais como se dá o desenvolvimento das crianças principalmente quando se trata das questões de gênero. Vê a forma pela qual meus pais e meus irmãos cobram quando minha sobrinha não se comporta como uma moça e meu sobrinho brinca de boneca com a sua prima, me faz questionar porque já são cobrados dessa forma por comportamentos tão naturais, presentes na infância? E isso me chamou a atenção para ampliar meu conhecimento em torno de como se dá a construção de gênero dessas crianças.

Para além dessas questões, eu sempre tive facilidade em lidar com criança e o meu local de trabalho – um supermercado localizado na cidade de Santo Amaro da Purificação, contribui mesmo que indiretamente, para que eu mantenha essa aproximação e convivência com crianças, uma vez que as mesmas frequentam este local juntamente com seus pais para comprarem seus lanches ou materiais para irem até a escola. Por ser uma rotina diária, eu observo as atitudes e comportamentos entre as crianças e os adultos, criando com algumas delas, uma aproximação maior. Para além desta motivação, o desejo em cursar posteriormente Pedagogia, conhecer e ampliar os estudos sobre a criança, o seu desenvolvimento e a sua formação em diferentes contextos.

Ao realizar algumas leituras e pesquisas em torno da temática de gênero em ambientes educativos, pude compreender que é necessário que todos os sentidos estejam aguçados para que aja a capacidade de perceber as diversas formas de constituição dos sujeitos entrelaçada na organização, no cotidiano e na forma de compreender a dinâmica da escola e seus integrantes.

De acordo com Louro (1997), "atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas" (LOURO, 1997, p. 59).

Portanto, tratar da temática de construção de gênero em ambientes escolares infantis, requer um olhar atento, acolhedor e posturas dialógicas entre professor e aluno. O que poderá auxiliar na criação de afinidades e na desconstrução de estereótipos criados desde o início da infância, além dos discursos hegemônicos impostos pela sociedade agregando um futuro melhor e com mais respeito, as crianças.

Acreditamos que as relações entre crianças e entre crianças e adultos, na Educação Infantil, se mostram como forma de inserção de meninos e meninas na vida social. Uma vez que é desse período em diante que a criança passa a conhecer e aprender sobre os sistemas de valores e regras, exercendo interação, contribuindo e participando nas construções sociais, acumulam aprendizados e conhecimentos disseminando-os para o seu desenvolvimento futuro.

Nesse sentido, tendo em vista todas as informações mencionadas, o estudo sobre a construção de gênero na infância no âmbito escolar é importante, pois possibilitará reflexões de como as crianças definem e demarcam a sua condição nos diferentes tempos e espaços da Educação Infantil, como as trocas culturais são estabelecidas entre as crianças, bem como, de que forma a escola contribui para a formação de gênero nesta fase de escolarização infantil.

### **3 PROBLEMÁTICA**

O desenvolvimento dos papéis de gênero e a construção da identidade são socialmente construídos e aprendidos desde o nascimento, com base em relações sociais e culturais que se estabelecem a partir dos primeiros meses de vida. No contexto escolar, é na Educação Infantil que a criança começa a perceber a diferença entre o feminino e o masculino. A família e a escola assumem um papel importante neste processo, pois servirão de referência a esta construção.

A família possui um papel significativo, no que diz respeito à formação de cada indivíduo. Ao chegar a escola, cada criança possui um determinado comportamento seguido das orientações dos seus próprios pais ou responsáveis. A escola também possui papel relevante na vida dos estudantes, onde será necessário desconstruir e quebrar determinados paradigmas como forma de trazer questionamentos e trabalhar questões voltadas a superação das desigualdades existentes entre meninas e meninos. "As crianças aprendem o sexismo na escola

ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados" (GALLARDO e VALENZUELA, 1999, p.45).

Neste cenário, é comum percebermos na escola, a designação de cores: rosa para meninas e azul para meninos, elas com bonecas e fogõezinhos; eles com carrinhos e bolas, filas de meninas e filas de meninos. Frases como: “senta direito, isso não é jeito de menina”, “homem não chora!”, remetem a antiga ideia de que as mulheres nasceram somente para cozinhar e cuidar das suas respectivas famílias e que a obrigação do homem é liderar o

É possível reconhecer que tratar de gênero é uma ação política e quando se trata da infância, a escola tem um papel preponderante, devendo considerar as relações e as experiências das crianças no cotidiano, observando como elas produzem e reproduzem, em suas relações, modos de ser menina e menino. Assim, estudar as questões voltadas a formação de Gênero na Educação Infantil, vai possibilitar a observação das formas pelas quais as crianças demarcam a sua condição de gênero nos diferentes tempos e espaços, seja nos momentos livres, nas brincadeiras, nas trocas culturais, no espaço da sala de aula.

Nesse contexto, uma inquietação central se apresenta, como a questão/problema da investigação: Qual a influência da orientação escolar da Educação Infantil, na construção de gênero na infância? Pensar nesta questão maior, nos conduz a outras inquietações: Como as crianças se manifestam frente às relações de gênero no contexto escolar? Como as práticas pedagógicas tem trabalhado com as questões de gênero?

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar a influência da orientação escolar na construção de gênero na infância, no contexto da educação infantil.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Analisar as diferentes concepções da construção de gênero na infância;
- ✓ Conhecer os mecanismos utilizados na construção de estereótipos de gênero na infância no ambiente escolar;

- ✓ Compreender teoricamente o papel da escola e do professor em relação a temática de gênero na infância.

## 5 REVISÃO DA LITERATURA

### 5.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL

Os primeiros anos de vida de uma criança são fundamentais para determinar as bases do seu desenvolvimento ao longo da vida. É neste período que a criança vai tendo noção dos espaços, adquirindo conhecimentos e habilidades bem como, construindo aprendizagens das mais simples às mais complexas, por meio das relações e vínculos com quem convive.

Os espaços de convivência, os atores com quem interage, cada olhar, cada gesto, cada atitude de empatia, antipatia ou indiferença, cada estímulo, excessos ou faltas; aconchego, frieza, rejeição, afetos ou violências, objetos, mobiliário, climas, ritmos ou a falta deles; alimentação, cuidados com a higiene; as culturas, as músicas, os costumes, vestimentas, rituais, brincadeiras e valores. (FRIEDMANN, 2012, p. 50)

Para a referida autora (2012, p. 37), “o interesse pela infância e sua relação com a educação trouxe diferentes visões propostas que influenciaram gerações e colocaram em pauta as diversas percepções de criança, infância e educação”. Assim, os estudos sobre a infância, ao longo da história, foram dando novos contornos as percepções sobre a criança: seus potenciais, suas emoções, suas dificuldades, seus medos e suas tendências.

Para Ariès (1981), foram múltiplos os fatores que contribuíram para o processo de formação do sentimento de infância. Dentre eles, o processo de escolarização como principal objetivo, separando as crianças do ambiente a que eram submetidas no convívio com os adultos. O segundo fator é a fabricação de brinquedos específicos para as crianças e, por fim, o mais importante, o crescimento do sentimento de família.

Segundo Sarmiento (2002, p. 21), “nas interações com os adultos, mediadas por produtos culturais a ela dirigidos, a criança recebe, significa, introjeta e reproduz valores e normas tidos como expressões da verdade” (SARMENTO, 2002, p. 21). Assim, dependendo do contexto em que somos inseridos vamos-nos constituindo e construindo nossos valores, desejos, necessidades, posturas etc. No contato com o outro, diferente de nós, vamos percebendo o valor da diversidade e aprendemos a reconhecer o outro humano a partir da sua singularidade.

O ingresso na escola, logo no princípio da infância, pode ser decisivo para as crianças, sobretudo, se considerarmos a possibilidade, que é oferecida, de convivência “com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes” (RCNEI, 1998, p. 14). Na escola, é possível observar, na quantidade de atividades e situações vivenciadas, que as crianças percebem-se e percebem os outros colegas como diferentes dela, de maneira gradual, o que contribui para o desenvolvimento da sua autonomia.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), estabelece a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica. Uma “[...] conquista histórica que tira as crianças pobres de seu confinamento em instituições vinculados a órgãos de assistência social” (OLIVEIRA 2011, p. 117). Assim, historicamente, a educação infantil entra legalmente para a história da educação, e traz as crianças para o convívio com um grupo social mais amplo e diferente daquele que está habituado, isto é, a família. Assim, esta etapa da educação deve considerar o direito das crianças viverem sua infância, de serem vistas como sujeitos sociais.

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção (DCNEI, 2010, p. 12).

A Educação Infantil tem por finalidade “o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, e deve estar articulada com a família e com a comunidade, cumprindo as funções de cuidar e educar” (DCNEI, 2010, p. 13). Desta forma, cabe a Educação Infantil, possibilitar uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações o respeito a diversidade. Neste contexto, é importante o acompanhamento dos educadores, assim como a incorporação de práticas educativas que promovam estratégias de socialização, em busca da igualdade de gênero.

### **5.1.2 Gênero: algumas perspectivas conceituais**

As questões voltadas a gênero na contemporaneidade, têm ocupado os diversos e diferentes cenários da sociedade, ainda que esta questão possa ser tratada de forma desigual e hierarquizada para homens e mulheres. Assim, é possível perceber que uma parcela da

sociedade acredita e imagina que a diferença existente entre ser homem ou mulher é natural. E nesse sentido, expectativas são criadas e atreladas ao comportamento de cada um, fundamentadas no sexo biologicamente determinado; sendo comum expressões como: “ah, mas isso é porque ela é mulher” ou “isso é porque ele é homem”. Nesse sentido, a sociedade distinguiu tanto os homens como as mulheres, em uma prática social, concedendo maior valor historicamente, aos atributos masculinos, o que gerou a desigualdade.

A definição de gênero consiste em identificar e diferenciar o masculino e o feminino, seguindo a definição tradicional, gênero também pode ser utilizado como sinônimo de sexo, ou seja, sexo feminino e sexo masculino. Entretanto, através de estudos aprofundados nos âmbitos das áreas das ciências sociais e da psicologia, podemos entender gênero como aquilo que diferencia socialmente as pessoas considerando os padrões histórico-culturais atribuídos para cada pessoa.

A palavra gênero, antes exclusiva ao uso gramatical, foi adotada pelas teóricas do movimento feminista e do campo de estudo Women's Studies (Estudos das mulheres), consequente das reivindicações para incluir tais temáticas como disciplinas acadêmicas, para separar e distinguir as características sociais das características biológicas das pessoas. (SILVA, BRABO, 2016, p.130).

O termo gênero foi construído pela sociedade e tal classificação na visão de Nogueira (2001, p. 9), possibilita a construção de significados que distinguem cada categoria anatômica sexual e que são repassados aos indivíduos desde a infância, abrangendo “características psicológicas, sociais e culturais que são fortemente associadas com as categorias biológicas de homem e mulher”. A conceituação de gênero é muito significativa para a estruturação do que cada indivíduo compreende por justiça social; afinal ela trata especialmente da natureza social das diferenças em que concedido a homens e mulheres.

Para Louro (2003, p. 77), gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual – de homens e mulheres – que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

Para Albernaz e Longhi (2009, p. 84), o gênero é considerado uma das principais e primeiras formas de ordenar o pensamento humano. Ele ordena nossa forma de pensar delimitando qualidades, espaços, atitudes, poderes a serem distribuídos entre homens e mulheres. O conjunto dessas classificações é conformado como moralidade que orienta nosso comportamento, estabelecendo o que é considerado certo e errado, mas não apenas isso,

também funciona como um mecanismo de poder, hierarquizando as pessoas e legitimando as desigualdades.

Hall (2006, p. 4), ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Ademais, se atentar aos seus verdadeiros significados permite a ampliação acerca dos conhecimentos principais ligados ao assunto possibilitando na desconstrução de mais um dos vários estereótipos transmitidos pela sociedade.

## 5.2 CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA INFÂNCIA

### 5.2.1 Ambiência familiar

A família possui um papel imprescindível no que diz respeito à construção de gênero da criança, pois os responsáveis ou cuidadores geralmente tendem a criar expectativas frente ao comportamento das crianças. “São os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro” (FINCO, 2003, p. 95). Um exemplo disso é quando se tem em uma casa, um casal composto por menino e menina, de forma que se o menino se comporta de maneira inadequada a família tende a tolerar mais afinal o gênero masculino é comumente relacionado a ser mais travesso e aprontar mais. Já quando se trata da menina, sua punição será mais severa, pois o sexo feminino representa a ideia de delicado e recatado.

Em muitos casos, antes mesmo do nascimento, os pais já começam a planejar o espaço da criança com suas diversas especificidades, como as cores do enxoval que para meninas tem que ser rosa e os meninos azuis, e também os brinquedos que para elas devem ser bonecas e para eles carrinhos, por exemplo. As cores, brinquedos e diversas situações do cotidiano, nos mostram como a cultura vai separando desde cedo o que é de menino e o que é de menina e reproduzindo discursos e práticas que caracterizam as desigualdades entre gênero.

Na família ocorre um processo de construção dinâmico e contínuo de atribuição de modelos de masculinidades e feminilidades nas crianças. Um processo que não está pronto a partir do nascimento, mas que está sempre em construção, imerso nas práticas e relações sociais (SOUZA, 2008, p. 168).

Com todos esses modelos pré-estabelecidos pela sociedade todo mundo acaba tendo uma noção induzida do que é ser homem ou mulher e tudo isso acaba acometendo todos os âmbitos na vida do ser- humano, seja na forma que senta que se alimenta e que se comporta, é bem comum se espantar quando uma mulher come muito, ou quando senta de maneira considerada inadequada é comum ouvir a frase “Senta como mocinha!”. É necessário que desde as fases iniciais da vida, as crianças tenham contato com outras percepções sobre antes de ser menino ou menina, ser criança, e dessa forma evitar riscos da criança desde muito cedo viver se culpando por não seguir os padrões impostos para cada um deles por se reconhecer fora dos discursos ditos oficiais e obrigatórios para a sociedade.

Embora não sendo a única responsável pela construção, a família possui um grande papel em disseminar a igualdade de gênero afinal se a criança possui a chance de interagir e absorver outros valores e discursos do que é ser menino ou menina ela poderá ampliar seus conhecimentos. Se a própria família, a escola e a mídia lançam discursos hegemônicos a todo tempo é preciso que exista este tipo de dialogo reflexivo constantemente.

### **5.2.2 Ambiência escolar**

A escola é uma das esferas sociais por onde transitam conceitos, valores, crenças, relações, etc. Desde a tenra idade os indivíduos estabelecem relações sociais entre seus pares. E nesse sentido, a escola possui um papel fundamental na formação e na vida do indivíduo. É através dela, que cada um conhece e usufrui das suas primeiras experiências, dos seus primeiros contatos com várias crianças, assim como com diferentes aprendizagens e formas de socialização. A escola deixou de representar o papel de instituição disciplinadora e castradora, mas continua exercendo o papel de reprodutora da ordem vigente. Ou seja, esta instituição foi adequando-se às exigências governamentais que por sua vez incluíram em sua pauta reivindicações que se tornaram políticas públicas.

No entanto, a escola continua desprezando comportamentos considerados destoantes, relacionados ao gênero. A questão de gênero é determinada cultural e socialmente, é um fato histórico determinante, conservador e heteronormalizante. É necessário ir além dos estereótipos, desconstruir o preconceito camuflado que existe na nossa sociedade, “colocar em xeque a normatividade que oprime os povos, que condena os gêneros, a cultura da desvalorização do ser humano. E a escola é uma das instituições necessárias para que tal discussão inicie” (AQUINO, 1998, p. 36).

Os sentidos começam a se desenvolver nas escolas onde cada criança aprende e conhece os sons, os cheiros e os sabores, aprenda a reconhecer o que é considerado decente para que tenha a capacidade de rejeitar o indecente, aprender a quem e como tocar ou em grande parte das vezes não tocar. O fato é que, nos primeiros anos de vida na escola, a criança começa a desenvolver algumas habilidades enquanto outras continuam inibidas.

Sobre esta questão, Louro (1997, p. 61), afirma que “os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente”. Assim, de forma contínua e suave as lições de diferença são aprendidas nos espaços da escola e isso possibilita a construção de uma normalidade de comportamentos. A criança cria vínculos com os seus professores, de forma que tudo que é dito e falado e as vivências da escola possuem um grande valor, muitas vezes até maior que outras experiências já vividas.

A forma como a escola se comporta frente a assuntos que englobam gênero, raça, etnia, sexualidade precisa ser transmitida com cuidado pois a escola assim como qualquer âmbito social e de educação, engloba a diversidade e precisa respeitar isso e fazer com que cada criança entenda o por que é necessário respeitar as diversidades. “A escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. (LOURO, 1997, p. 89).

Tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas". (LOURO, 1997, p. 60)

Muitas vezes, os professores qualificam o que é ser menino ou menina ao separar atividades, cores, brincadeiras, apresentações de atividades em que cada uma delas se encaixa: somente para as meninas ou somente para os meninos. Assim, por vezes a escola observa os meninos de forma que sustenta uma gama de características esperadas por eles, como o corpo que corre, pula, o raciocínio lógico. Já as meninas, conduz a ideia de uma letra bonita, a dança, afinidade com o trabalho manual, o corpo mais quieto e comportado.

“Ao considerarmos que as crianças, meninos e meninas alunos da educação infantil e ensino fundamental, passam boa parte do tempo nessas instituições, acreditamos que as ações

ocorridas no seu interior influenciam, assim, a constituição dos sujeitos.” (OLIVEIRA, 2011; SILVA, 2011; SALVA, 2011; p. 102).

Ser menino ou menina não é composto só dessas características, onde o menino pode se interessar mais pela leitura, pelas atividades mais calmas e relacionadas ao cuidado, enquanto a menina pode ser a garota que corre, pula e se identifique mais com matemática. No entanto,

[...] o modo como as instituições e suas práticas ensinam certas concepções, faz com que determinadas condutas e formas de comportamento diferenciadas pelo sexo, sejam aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase "naturais". Tal 'naturalidade' tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas” (LOURO, 1997, p. 56).

A escola infantil demanda de uma vasta quantidade de brinquedos e brincadeiras voltados para as crianças que ocupam o corpo estudantil aos quais possibilitam que todos os espaços sejam ocupados por meninos e meninas sem restrições. A possibilidade das crianças brincarem livremente com os brinquedos que tem vontade sem repressão demonstra o quanto à cultura do adulto, não está totalmente disseminada na cabeça das crianças. Dessa forma, meninos podem compartilhar de brincadeiras como cuidar dos filhos, passar roupa, cozinhar, que comumente são vistas como funções das mulheres gerando assim à troca de experiência onde meninos e meninas exerciam os papéis considerados masculinos ou femininos durante os momentos de brincadeiras.

A escola possui um grande papel na influência da construção de gênero e de qualquer outro âmbito social da vida de seus estudantes, pois é dentro dos âmbitos escolares que as crianças passam parte dos seus dias. A escola é responsável e por transmitir a educação e garantir o aprendizado de cada criança agregando conhecimentos e garantindo um futuro melhor para cada uma delas.

## **6 METODOLOGIA**

Para trilhar os caminhos desta pesquisa utilizaremos a abordagem qualitativa exploratória, uma vez que prioriza a qualidade dos dados encontrados e não a quantidade em si, pois “nos leva, a uma série de leituras sobre o assunto da pesquisa, possibilitando descrever pormenores ou relatar minuciosamente o que os diferentes autores ou especialistas escrevem

sobre o assunto” (OLIVEIRA, 2009, p. 115). A pesquisa qualitativa visa alcançar os objetivos através do caráter subjetivo do principal objeto estudado, ou seja, estudos das particularidades individuais, entrevistados conseguem expor a sua opinião unificada sobre o que se busca estudar e dessa forma conseguir compreender o comportamento do público alvo selecionado para estudo.

Dessa forma, é necessário compreender também o contexto escolar, o que se está observando, quem está envolvido, o cotidiano escolar. A pesquisa ocorrerá em uma Instituição da Educação Infantil, situada no Município de Santo Amaro-Ba, com o intuito de analisar a influência da orientação escolar na construção de gênero na infância, no contexto da educação infantil, considerando a prática pedagógica, as brincadeiras e os diferentes momentos de convivência. A amostra será realizada com três turmas, com crianças de 3 a 5 anos de idade.

Para a elaboração da pesquisa, primeiramente, revisaremos os conceitos teóricos mediante levantamento bibliográfico, buscando artigos, livros e pesquisas que tenham estudado o fenômeno e que tragam alguns fundamentos para possibilitar uma inserção no tema de acordo com o que se tem estudado sobre o assunto.

Como técnicas de coleta de dados, utilizaremos a observação direta e a entrevista semi-estruturada, a ser aplicada com a gestora da escola e com três professoras. A observação possibilita uma aproximação mais criteriosa das informações, por meio dos gestos, movimentos, expressões, falas, atitudes, posto que “desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o observador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social”. (MARCONI E LAKATOS, 2009, p.76). Já a entrevista semi-estruturada, favorece “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, 134). Após a coleta de dados, será realizada a transcrição das entrevistas e junto com o diário das observações, os dados serão analisados, sistematizando as ideias.



## REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. C., **Diferenças e preconceitos na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 4ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- BRASILIO, Ana Luiza. **A igualdade de gênero pressupõe uma sociedade justa para meninos e meninas**. Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/igualdade-de-genero-pessupoe-uma-sociedade-justa-para-meninos-e-meninas/> >. Acesso em: 18 de junho de 2019.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394/96 de 20 dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Diário Oficial: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. – Brasília: MEC/SEB, 2010.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V. 01. Brasília-DF, 1998.
- GALLARDO, Gómez; VALENZUELA, Malu. Uma alternativa de equidade de gênero na pré- escola. **Cadernos Sempre Viva Organização Feminista - SOF, gênero e educação**. FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; AUAD, Daniela; CARVALHO, Marília (orgs.) São Paulo: SOF, 1999, p. 40-54.
- FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. São Paulo, v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2212/42-dossie-fincod.pdf>>. Acesso em: 05 de junho de 2019.
- FRIEDMANN, Adriana. História e percurso da sociologia e da antropologia na área da infância. São Paulo, **Revista Veras**, n. 2, 2012. Disponível em: <http://iseveracruz.edu.br/revistas/index.php/revistaveras/article/view/57/41>. Acesso em: 13 de agosto 2019.
- GROSSI, M. P. Identidade de gênero e sexualidade. Florianópolis, **Antropologia em primeira mão**, n. 26, p. 29-46, 1998. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/123456789/1205/3/identidade\\_genero\\_revisado.pdf](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/123456789/1205/3/identidade_genero_revisado.pdf)>. Acesso: 06 de junho 2019.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza. “Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”. **Cadernos Cepia** nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2004, p. 73-92 (apoio Fundação Ford e UNIFEM).

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>>. Acesso em: 29 de junho de 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1999, pp. 53-67.
- NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- OLIVEIRA, K. ; SILVA, E. ; SALVA, S. **Relações de gênero e educação**. v. 24, n. 02, jul/dez 2011, p. 101-110. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2884/2857>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre, vol. 20, n.2, p. 71-99, 1995.
- SARMENTO, M. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: LEITE FILHO, A.; GARCIA, R. (orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SOUZA, Fabiana Cristina de. Gênero e infância: a noção de alteridade nas representações sociais de meninos e meninas. **Educação & Linguagem**. Ano 11, n. 18, pp. 149-169, Jul. - Dez. 2008.